

## Entrevista com a escritora Deborah Dornellas: ressignificações sobre o mar na literatura contemporânea latino-americana

Larissa Gonçalves Menegassi\*

Lilian Herrera Salinas\*\*

**Resumo:** Esta entrevista foi realizada com o objetivo de registrar a relação da obra literária de Deborah Dornellas com os debates realizados pelo Grupo de Estudos Internacional “Océanos, desplazamientos y resistencias en la Literatura Contemporánea”. Compreender as motivações, processos e resultados da autora, através do romance *Por cima do mar* (2018), se fez necessário para posicionar temáticas como a diáspora, migração e ressignificações sobre o mar dentro de abordagens literárias contemporâneas e latino-americanas.

**Palavras-chave:** Literatura Contemporânea. *Por cima do mar*. Romance brasileiro.

### Introdução

“Eu levei um susto”... foi o que a escritora, jornalista e tradutora (et.al.) Deborah Dornellas (Rio de Janeiro, 1959) contou que sentiu, na entrevista para o programa “Tirando Letra”, da TV Universidade de Brasília (UnB), quando recebeu a notícia de que havia ganhado o prêmio *Casa de las Américas* na categoria Literatura Brasileira, em 2019, com seu primeiro romance **Por cima do mar**. Ainda que provavelmente essa não seja a reação esperada por parte de uma pessoa que recebeu um prêmio que a consagra em um ofício tão relevante e complexo como o de escritor, é compreensível, considerando que, quase sem esperar, a autora se viu incluída nesse “panteão literário” composto por tantas escritoras e escritores brasileiros consagrados. Esta entrevista foi realizada via online através da plataforma Zoom em agosto de 2020, por meio do Grupo de Estudos “Océanos, desplazamientos y resistencias en la Literatura Contemporánea”, pertencente à Cátedra Fernão de Magalhães e ao projeto ANID- PAI 77180056<sup>1</sup> dirigido pela Profa. Dra. Daiana Nascimento dos Santos, vinculado institucionalmente com Centro de Estudios Avanzados – Universidad de Playa Ancha.

**Entrevistadoras:** Qual foi a razão para você ficar assustada com a notícia de haver ganhado o Prêmio Casa das Américas? Foi pela forma como você ficou sabendo, pelo tom que a pessoa que lhe comunicou a notícia usou? Ou sua reação relaciona-se com algo mais complexo ou profundo?

---

\* Mestrado em Linguística pela Universidad de Playa Ancha, Chile. E-mail: larissagmenegassi@gmail.com

\*\* Doutorado em Literatura Hispanoamericana Contemporánea pela Universidad de Playa Ancha, Chile. E-mail: lilian.salinas1980@gmail.com

<sup>1</sup> Projeto "Crisis humanitaria y migración en la novela reciente de África y Latinoamérica" de Fondecyt de Iniciación en Investigación 2020, Folio 11200367.

**Deborah Dornellas:** *Eu digo que levei um susto, porque foi uma notícia inesperada. Um susto bom. Foi uma emoção muito forte para mim porque *Por cima do mar* é meu primeiro romance, minha primeira aventura em prosa longa. Eu me inscrevi no prêmio para participar, tentar, pensando que a chance de ganhar era mínima. Achava que um prêmio da envergadura da Casa de las Américas era uma coisa muito distante. Ainda mais para um romance de estreia. Sabia que o livro tinha qualidades, confiava no resultado do meu trabalho, mas não imaginei que tivesse chance de vencer, e que o romance viesse a ter essa relevância literária. Ao longo do concurso, sequer busquei qualquer informação sobre o andamento das coisas, para não criar expectativas. Mas uma amiga poeta, Mariana Basílio, estava acompanhando tudo e, uns dias antes do anúncio do resultado final, postou uma foto e um texto de uma das juradas sobre meu livro. Achei muito bacana, fiquei feliz, mas, mesmo assim não imaginei que aquilo fosse indicativo de que eu ganharia. No dia do anúncio, a Mariana estava atenta, e, às onze e meia da noite, me mandou uma mensagem no privado me contando que eu era a ganhadora. Em seguida, publicou o link da página da Casa, onde já aparecia o resultado oficial. Foi uma comoção em casa! Choro, risos, comemoração. E um carnaval na minha página do Facebook, uma chuva de mensagens privadas. Inesquecível.*

**Entrevistadoras:** Conhecendo um pouco da sua trajetória e o que você já produziu acadêmica e artisticamente, percebe-se uma possível conexão de temáticas advindas do que pode ser identificado como expressões da cultura popular brasileira. Desde a sua dissertação de mestrado em História (UnB), em que você fez uma pesquisa sobre o maracatu nação de Pernambuco; passando pelo retrato do cotidiano dos caiçaras, pescadores e fandangueiros da região de Cananeia-SP, no seu documentário *Mar Pequeno* (2009); até as narrativas presentes no seu romance *Por cima do mar*, onde há referências ao congado e a aspectos da cultura angolana de ontem e de hoje. Ao mesmo tempo, suas maneiras de expressar essas temáticas são variadas: produção musical, audiovisual e escrita literária. Existe algum fio condutor entre todas essas produções e expressões, ou alguma mensagem em comum que você queira transmitir ao leitor? Ou cada produção e expressão tem sua própria manifestação e objetivo?

**Deborah Dornellas:** *Acho que as duas coisas. O fio existe, porque eu cultivo uma paixão antiga pela cultura popular brasileira tradicional, principalmente de matriz africana. Minha história com ela é bem anterior, por exemplo, à minha ida para o Recife, para pesquisar maracatu nação, em 1999. Comecei a me interessar pelo assunto muito cedo, na adolescência, mas não conhecia muita coisa de perto. Tudo mudou quando fui fazer a pesquisa de campo para o mestrado. No Recife e em Olinda, acabei por conviver com algumas comunidades onde se brinca maracatu nação (ou de baque virado), na região metropolitana da capital. A convivência estreita com um dos grupos, o Maracatu Nação Leão Coroado – Nação Nagô, cuja sede fica num bairro do subúrbio de Olinda, trouxe muitos elementos para o meu trabalho e me proporcionou uma vivência de cultura popular preciosa e amigáveis para a vida toda.*

*Já o contato mais próximo com o universo do congado veio depois, em 2003, 2004, durante as filmagens de um documentário da cineasta Liloye Boubli sobre maracatu e congado, de que participei como assistente e consultora, por causa da minha experiência com maracatu. O congado é um folguedo muito pujante nas regiões Sudeste e Centro-oeste do Brasil, e tem uma matriz congolana evidente. Foi por esta porta da origem que o congado entrou no meu romance. Criei inclusive uma personagem brincante de congado, a mãe da protagonista.*

*No Mar Pequeno, o fandango – uma das manifestações culturais da cultura caiçara – surgiu durante as filmagens e acabou por compor o panorama que o filme se propunha a retratar. Na verdade, nosso objetivo – meu e do Marconni Andrade, que dirigiu comigo o documentário – era mostrar a situação dos pescadores artesanais da Ilha do Cardoso e daquela parte da região de Cananeia, no extremo litoral sul de São Paulo. O fandango foi um bônus maravilhoso.*

**Entrevistadoras:** Na reunião de 8 de setembro de 2020, organizada por Daiana Nascimento dos Santos, tivemos a oportunidade de compartilhar com você uma grata conversa e também conhecer mais sobre o processo de escrita e criação do seu romance *Por cima do mar*. Nessa ocasião, a escritora Kanguimbu Ananáz dirigiu algumas palavras a você e se referiu especificamente ao seu processo criativo. Ela disse: *África está em você e, portanto, você está respondendo a um “chamado de África”*. Segundo Kanguimbu, esse chamado nos une e ultrapassa as origens ou a cor da pele. Considerando que a questão racial é um tema de muita relevância, como você, agora em sua vida diária e depois dessa apreciação de Kanguimbu, assume esse “chamado da África”?

**Deborah Dornellas:** *Acho que o “chamado de África” na minha vida é coisa antiga. E, de tão orgânico, já nem sei localizá-lo no tempo. Sinto uma conexão muito forte com os afrodescendentes de toda parte, mais especificamente com as culturas afro-diaspóricas aqui nas Américas. Também com as culturas congo-angolanas em suas manifestações tradicionais, que já pesquisei um tanto, e contemporâneas, que ainda conheço pouco. O chamado já existia, mas as palavras de Kanguimbu me emocionaram muito, porque ela é a primeira mulher negra escritora africana que me fala isso. Tive contato estreito com muitas mulheres angolanas, em especial com a pessoa que me acolheu em Luanda, minha querida amiga Judith Luacute, angolana nascida e criada na província do Huambo, que hoje vive em Luanda. Ela morou muitos anos no Brasil, onde se graduou em Enfermagem pela USP. Outras amigas e amigos angolanos também me acolheram. Mas Kanguimbu foi a primeira africana a me falar desse chamado tão profundo. Ela me disse: “se você ouviu o chamado, então você ouviu o chamado”. Ouvi há muito tempo, mas ainda não tinha dado um nome para isso.*

*África é uma paixão tão genuína em mim, que eu acho que transborda. Difícil é entender que não sou africana, afrodescendente. Não me sinto pertencente à branquitude, apesar de saber que faço parte dela. Não me identifico com seus valores. Os valores das culturas, e inclusive das religiões de matriz africana, me dizem muito mais. O catolicismo popular praticado pelos negros congadeiros do interior de Minas, por exemplo, me toca muito mais do que o catolicismo branco.*

*Conforme vai passando o tempo, mais vou entendendo em que lugar me coloco no planeta. E África é um chamado eterno.*

**Entrevistadoras:** No blog *Como eu escrevo* você comentou um pouco sobre a sua motivação como escritora e a relação dela com as palavras:

O que me motiva é a palavra. Gosto de palavras, de seus sons, suas formas, das instâncias da linguagem, das possibilidades de expressão que a palavra nos dá. Quero estar sempre procurando caminhos de aproximação com as palavras, para criar intimidade com elas. É um desafio colocá-las juntas numa frase, escolher por onde e para onde ir em cada texto. Isso me fascina.

Em relação com essa declaração, vemos que no livro *Por cima do mar* o uso de palavras das línguas nacionais de Angola, como umbundu e kimbundu, e de vocabulário do português angolano está muito presente na história. O que representa para você, como autora, a presença dessas palavras na narração dos sentidos, vivências e interpretações de Lígia Vitalina? E como foi o processo de investigação desses significados linguísticos, culturais e sinestésicos?

**Deborah Dornellas:** *Representa muito. Lígia Vitalina, uma brasileira, é a narradora. Narra em primeira pessoa. Compila suas memórias. Então, as palavras que não sejam de seu vocabulário original trazem para a narrativa outros sons, outras cores. Principalmente as palavras das línguas nacionais angolanas. Essas entram nas falas dos personagens angolanos, em diálogos, descrições*

*ou nas cenas em que Lígia tem contato com algumas delas e começa a aprender a usá-las. Como por exemplo kupapata, kota, bwe etc.*

*Como há muitas palavras que eu queria que ficassem em língua angolana, fosse kimbundu, umbundu, kikongo, acabei organizando um glossário no final do livro, para ajudar o leitor na compreensão.*

*Lígia Vitalina se defronta com uma Angola que não é a Angola mítica que ela imaginava e ouvia nas histórias de sua família. A Angola com a qual ela se defronta é a Angola contemporânea, do pós-guerra, um país que tem as marcas da destruição e da colonização muito fortes. Não a Angola que sua avó fantasiava. A Angola de hoje não é a do tempo do cativo. Eu quis saber que país era esse onde a personagem iria desembarcar, por isso fui buscar elementos da Angola contemporânea. Minha convivência com amigos e com meu marido, que é angolano, e a ida a Angola em 2016 me ajudaram muito. Percebi que tudo isso enriqueceria a experiência de Lígia. Por isso fiz a escolha de colocar as palavras no texto, assumi-las, e durante a escrita do livro, com um truque ficcional, coloquei a Docas sugerindo à Lígia que fizesse um glossário. Essa ideia de colocar palavras de língua angolana não nasceu no início do processo, ela foi acontecendo organicamente. Além disso, eu já tinha lido bastante literatura africana em língua portuguesa antes de começar a escrever, de Moçambique e Angola principalmente, e o uso de palavras em línguas nacionais é comum em muitos livros. Então, para mim, era quase impossível escrever um romance que se passa um terço em Angola sem olhar para isso. Não houve propriamente um processo de investigação dos significados, porque boa parte das palavras eu já conhecia antes mesmo de começar a pesquisa para o livro, justamente por causa das minhas leituras de autores angolanos, da experiência com maracatu e congado, em que sobrevivem algumas expressões das línguas angolanas. Quanto aos vocábulos usados na atualidade, tanto os em línguas nacionais quanto os em português angolano (um universo rico no léxico, na sintaxe, na fonética), de 2016 em diante tive a vantagem de poder conversar com um angolano todos os dias, em casa. Ouvir suas histórias, sua música etc. Também li e assisti a muita coisa na internet. Em novembro de 2016, viajei para Angola. Fiquei lá 17 dias, atenta a tudo e a todos. Muitas cenas do livro, diálogos, descrições resultaram dessa estadia lá. Foi muito importante para mim e para o livro.*

**Entrevistadoras:** Na entrevista com Tiago Novaes para o Canal de Escrita Criativa do Youtube (2019), você mencionou que tem uma *fixação pelo tema de diáspora africana*, o que explicaria de certo modo a criação tão minuciosa de uma personagem como Lígia Vitalina, uma mulher afrodescendente que, na evolução por que ela passa no romance, realiza uma viagem do Brasil até Angola. Isso pode ser assumido como uma viagem de volta para suas raízes ou para sua origem ancestral, o que é um tópico reiterativo na literatura baseada em temáticas afrodescendentes. Então, gostaríamos que você pudesse explicar como essa ancestralidade influi na(s) identidade(s) da personagem ao longo do romance e como ela responde a esse “chamado”.

**Deborah Dornellas:** *Influi muito. Determina até. Mesmo que em parte seja inconsciente, já que não foi uma viagem previamente planejada. Lígia Vitalina volta às origens de parte de seus antepassados de uma maneira orgânica. Como foi orgânica para mim a construção literária dessa viagem dela ao território ancestral. Tentei criar a narrativa de um jeito que não fosse idêntico ao de outras que eu tivesse lido. Não sei se consegui.*

*Em princípio, essa volta de Lígia às origens não tem o objetivo de resgatar nada. Eu nem gosto da palavra resgate nesse sentido de recuperação, salvação. Mas, nessa aventura, Lígia acaba por conectar-se mais fortemente à sua ancestralidade, de que ela nunca se desconectou. Como historiadora, escolheu estudar os fluxos da África Atlântica. É esse campo de estudos que a leva ao Rio de Janeiro, e lá ela conhece José Augusto. Sua vida muda muito a partir daí. Mas a consciência de origem e a noção de identidade étnica, cultural e de classe ela tem desde muito cedo. Lígia é filha*

*de uma mulher negra com um homem sertanejo do Ceará. Ambos, pai e mãe, são migrantes pobres e moram na periferia de uma capital, que o pai ajudou a erguer, mas de que não pode usufruir plenamente. A mãe mineira é empregada doméstica numa casa de classe média alta. Como o pai morre quando ela ainda é muito pequena, Lígia e os irmãos passam a ser criados pela mãe e pela tia, irmã da mãe, também empregada doméstica. Ou seja, toda a referência de ancestralidade de Lígia é, desse muito cedo, a da família da mãe. Sabemos que a imensa maioria dos afrodescendentes brasileiros não tem a menor noção de sua origem específica. Alguns podem ter alguma memória de família ainda preservada, mas há mais perguntas do que respostas. Não interessava à empresa colonial que os africanos escravizados conhecessem ou se conectassem com suas origens africanas. Ao contrário. As Áfricas se misturavam desde o embarque, na travessia, no desembarque nos diversos portos do Brasil e do restante das Américas, e depois na venda e distribuição dos cativos que sobreviviam a tudo isso. Em geral, os africanos eram rebatizados e recebiam os nomes dos senhores que os compravam ou de quem os comercializava. A empreitada de apagamento das origens foi bastante eficaz. Lígia Vitalina sabe de tudo isso. Ela estuda isso. Também entende na pele o que é exclusão social. Sua identidade é forjada nesse contexto. Então, sua viagem para Angola, possível terra de sua trisavó – sequestrada lá para ser escravizada aqui – integra-se perfeitamente ao seu roteiro de afrodescendente, historiadora, pesquisadora etc.*

*Quando ela conhece o José Augusto, e o acaso (ou destino?) os aproxima, Lígia não estava esperando ter contato com pessoas que pudessem ser uma ponte para a África. Tudo foi acontecendo organicamente. Já em Angola, ela conhece a família de José Augusto, uma típica família do planalto central de Angola. Nesse encontro, conectam-se os dois planaltos centrais: o do Brasil, onde Lígia nasceu e vive, e o de Angola, terra de sua futura família. Passado, presente e futuro. Lugar e tempo.*

*Lígia viaja para Angola na idade madura, depois dos 40 anos, já órfã de pai, mãe e tia. Lá, ela se reparentaliza. Principalmente a partir de sua relação estreita com a mãe de José Augusto. Um parêntese: **Por cima do mar** é um livro de mulheres. As personagens mulheres são mais fortes e relevantes do que os homens na narrativa, têm mais protagonismo. Não foi uma escolha consciente durante a escrita, foi acontecendo.*

**Entrevistadoras:** No transcurso da história de **Por cima do mar**, Lígia Vitalina desenvolve diferentes relações pessoais/sociais com diversos personagens masculinos que são parte de sua vida. Entre eles estão seu pai Serafim, seu irmão Túlio e seu namorado, que se tornou seu esposo, Zé Augusto. É possível apreciar que esses laços são muito significativos e positivos na vida da Lígia, o que poderia responder a uma característica da teoria chamada “Mulherismo Africana” desenvolvida no Brasil por diversas teóricas que fizeram uma apropriação de “Africana Womanism” da estadunidense Clenora Hudson Weems (1995). Esta teoria se apresenta como uma alternativa do feminismo que é mais próxima às realidades das mulheres afrodescendentes, porque brinda uma perspectiva afro-centrada em que as relações entre homens e mulheres refletem um maior companheirismo e apoio mútuo. Como foi o desenvolvimento dessas relações pessoais e afetivas entre Lígia e os personagens masculinos mencionados? Qual foi sua inspiração para o desenvolvimento desses laços?

**Deborah Dornellas:** *Então, é engraçado isso. Quando eu li essa pergunta pela primeira vez, ainda não conhecia a expressão do Mulherismo Africana e fui pesquisar. Acho que Lígia estaria no meio do caminho entre o Feminismo Negro e o Mulherismo Africana, algo assim. Não sei se tenho conhecimento suficiente de ambos os temas e causas para me aprofundar mais. A construção de Lígia Vitalina foi bastante intuitiva e orgânica, como eu disse.*

*Agora, ao longo do processo de escrita do livro, houve vários momentos, uns mais marcantes do que outros, que interferiram na minha criação. Por exemplo, em 2017, quando comecei de fato a*

*trabalhar na estrutura do romance (eu estava escrevendo desde 2013), passei a ficar mais atenta a várias histórias de vida de mulheres brasileiras e prestar muita atenção ao conceito de lugar de fala, que surgiu com força na época. O fato de eu não ser negra passou a ser uma preocupação grande para mim. Ainda mais porque eu estava escrevendo uma narrativa em primeira pessoa. A protagonista é uma mulher negra narrando suas histórias, tentando reunir suas memórias. Foi um exercício ficcional desafiador calçar os sapatos dela e escrever desse lugar, mas posso dizer, sem dúvida, que foi a experiência mais enriquecedora da minha vida. Durante a escrita, fui atrás de assistir a entrevistas e conferências, ler textos de algumas pensadoras e ativistas negras brasileiras para ter mais subsídios que ajudassem a criar uma Lígia Vitalina verossímil e relevante para a luta antirracista e feminista. Esses eram os dois únicos pontos claros da agenda do romance, o antirracismo mais do que o feminismo. Nesse processo, aprendi a escutar mais do que falar, a me colocar aberta para aprender. Parei até de escrever durante um tempo e fiquei só refletindo, observando, lendo. Não queria de jeito nenhum invadir terrenos que não fossem também meus e praticar qualquer tipo de impostura, por não ser afrodescendente. Só queria que a história de Lígia fosse contada. Até porque ela não me deixava em paz. Só sossegou quando eu dei por encerrado o processo de escrita/ edição/ publicação, em 2018.*

*Lígia Vitalina tem sim uma relação de companheirismo com os homens, e não só com os negros. Zé Augusto é um preto africano, mas é um homem que viveu muitos anos na Europa. E isso é muito importante, porque Angola é um país bastante machista, e a relação deles, como a concebi, não sobreviveria a machismos. Juliano, o capoeirista brasileiro, também é negro (o Brasil também é um país bastante machista), mas ainda é jovem e foi criado por uma mãe antenada e independente. Não se contaminou tanto pelo machismo. Túlio, o super tímido, tem por ela a admiração de irmão mais novo. Já o pai de Lígia, Serafim, um homem do sertão do Ceará, com baixa instrução, valores tradicionais, tem com a primogênita uma conexão muito forte, mesmo depois de sua morte. Esse pai é uma referência para ela. Mas Serafim é importante para a narrativa não só por causa dessa conexão com Lígia, mas mais ainda porque é candango. Brasília recebeu dezenas de milhares de candangos para construir a cidade, e Serafim é um candango típico, nordestino, que gosta de forró, de fazer comida regional, um tanto melancólico e saudoso de sua terra. Com ele, vem parte da história de Brasília, que atravessa toda a narrativa.*

*O professor João Luiz é quem socorre Lígia quando ela sofre violência sexual. Naquela circunstância e no lugar em que a violência acontece, somente um homem como ele poderia socorrê-la. Um homem branco, mais velho e talvez mais sábio, que mora dentro do campus da UnB e testemunha a violência por estar passando pelo local na hora. Lígia só se conecta com ele bem mais adiante na narrativa, quando o conhece melhor na universidade e até o convida para participar de sua banca. O professor mais velho de certa forma adota a jovem negra, ainda estudante da graduação.*

*Se as relações de Lígia com os homens se aproximam de alguns preceitos do mulherismo africana, não foi uma escolha consciente minha, até porque, como já disse, eu nem conhecia o conceito. Mas acho interessante que tenha sido assim, e acho que faz sentido para algumas mulheres africanas e afrodescendentes. Mas entendo também o feminismo negro, porque grande parte das mulheres negras da diáspora, falo das brasileiras porque são as que conheço mais, reclamam muito do machismo e da solidão da mulher negra, já que muitos homens negros acabam se casando com mulheres brancas. Mas isso é assunto para outros livros.*

**Entrevistadoras:** Do princípio ao fim, o seu romance se relaciona constantemente com o título *Por cima do mar*. Desde a história da chegada ao Brasil, cativa e criança no porão de um navio-túmulo, da trisavó Josefa “nascida africana, provavelmente onde hoje é Angola” que “sempre falava que ia voltar à sua terra quando ficasse livre” e que “Nunca voltou” (p. 15). No retrato de feridas da personagem principal quando “Sentada no fundo mais fundo, atravessei o DF, do Plano Piloto até a Ceilândia, como quem atravessa o oceano no porão de um navio” (p. 109). Até a sua viagem a Angola

para “começar uma vida tão longe (ou tão perto) de casa.” (p. 204), onde Lígia Vitalina *ao fechar os olhos e acordar a memória* se identifica e familiariza com as similitudes atravessadas pela “luz de um tempo” (p. 207), encerrando sua própria história em um círculo e transformando e reinterpretando o que no início a história diacrônica construía uma linha reta na vida de sua trisavó, e de muitas trisavós de mulheres negras hoje, representado pelo “progresso” dos positivistas coloniais. Como você interpreta as representações do oceano, do título e das histórias cíclicas presentes no romance? E como você acha que podem representar a literatura contemporânea brasileira e latino-americana?

**Deborah Dornellas:** *O mar-oceano é ao mesmo tempo a ponte e o abismo, Deus, a imensidão e a morte (kalunga). É sobre o Atlântico que se faz a ponte entre África e Américas. Também é o abismo, túmulo de muitos africanos que foram roubados de suas terras e trazidos cativos para cá. Por cima do mar. Por dentro do mar. Todas essas dimensões são fundamentais no livro, e a narrativa as retoma muitas vezes. De todas as dimensões, a que mais me mobiliza é a da kalunga grande, que traz consigo o movimento e o conceito de travessia, seja real ou metafórica. Sobre essa dimensão da travessia erige-se toda a narrativa. Até mesmo o fato de **Por cima do mar** ser também um romance de formação, ou aproximar-se bastante disso, além de ser um livro de memórias, ressoa o conceito de travessia: a personagem atravessa décadas de sua vida, enquanto conecta séculos da história comum do Brasil e de Angola.*

*Não se pode virar as costas para a história da escravidão e do tráfico atlântico de africanos. O Brasil é um país que tem cinco séculos, em quase quatro deles houve escravidão e fluxo de tumbeiros pelo oceano. Como se pode esquecer esse horror? Isso determinou a história de muitos países das Américas, a nossa muito mais do que a de outros.*

*Quero poder ler e escrever livros que falem disso. De não ficção há muitos, especialmente de historiadores brasileiros. Também de alguns historiadores e pesquisadores de outros países. De ficção há maravilhas, como **Um defeito de cor**, da Ana Maria Gonçalves, por exemplo, um livro seminal para quem quer conhecer esse imenso capítulo da nossa história. Gostaria muito de ler mais e conhecer livros de autores latino-americanos que tratem desse tema. Vou pesquisar e aceito indicações.*

**Entrevistadoras:** Para finalizar, gostaríamos que fizesse referência à importância que adquire para você (no âmbito pessoal) e para sua carreira (no âmbito profissional), o *Prêmio Casa de las Américas*.

**Deborah Dornellas:** *Foi e é uma alegria e uma honra muito grandes ter recebido esse prêmio. Muita coisa mudou depois anúncio do resultado, em janeiro de 2019. Mudou para o livro e para a minha vida. É um prêmio especial para a literatura brasileira, conferido por uma instituição de Cuba, que tem muita relevância no ambiente cultural das Américas. Um prêmio dessa envergadura é um acontecimento na vida de qualquer escritor. Se não é, acho que deveria ser. Deveríamos trabalhar para que fosse, para que fomentasse mais o intercâmbio. Para mim representa o reconhecimento de um trabalho que ocupou cinco anos da minha vida e cujo resultado me fez ter mais segurança para abraçar a carreira de escritora. Ainda mais porque ganhei com meu romance de estreia, um livro que tem tanto significado para mim. É uma chancela muito importante, que abre portas. Provavelmente eu não estaria dando esta entrevista a vocês, por exemplo, não fosse pelo fato de ter ganhado um prêmio latino-americano tão importante. O Prêmio Casa... trouxe mais visibilidade para mim e para o livro. E o parecer dos jurados foi um bônus, que me ajudou a entender a importância e o tamanho do livro que eu tinha escrito. E é muito interessante essa interlocução com a academia que o prêmio tem me proporcionado. Também sou filha da academia, embora tenha concluído o mestrado lá atrás e ainda não tenha me aventurado num doutorado.*

*Acho que o Brasil troca muito pouco com os países da América Latina. Parece que no âmbito acadêmico até existe mais troca, mas, de maneira geral, e no âmbito da cultura em particular, acho*

*que os brasileiros valorizamos pouco nossos vizinhos. O mesmo acontece na nossa relação com a África. Somos um país autorreferente, que só se abre culturalmente para as culturas hegemônicas de origem na Europa e nos EUA. É assim há séculos. Isso nos tem atrapalhado um bocado. Nesse sentido, o Casa de Las Américas tem um papel fundamental. Fico feliz em, de alguma maneira, fazer parte dessa história de intercâmbio cultural. E quero em breve poder viajar para outros países das Américas para aprofundar as trocas e fortalecer nossos laços.*

## Referências

COMO EU ESCREVO. Como escreve Deborah Dornellas. s/d. Disponível em: <https://comoeu-escrevo.com/deborah-dornellas/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

DORNELLAS, Deborah. **Por cima do mar**. Brasil: Patuá, 2018.

HUDSON- WEEMS, Clenora. **Africana Womanism: Reclaiming Ourselves**. Michigan, United States of America: Bedford Publishers Ed., 1995.

NOVAES, Tiago. **Deborah Dornellas vence o prêmio Casa de Las Americas**. Escrita Criativa. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8BXRMP4Kik>. Acesso em: 18 abr. 2022.

OLIVEIRA, D. D. C. D.; Andrade, Marconni. **Mar Pequeno**. 2009. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/542803-documentario-mar-pequeno/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

### **Interview with the writer Deborah Dornellas: reinterpretations of the sea in contemporary Latin American literature**

**Abstract:** This interview was carried out with the objective of registering the relationship of Deborah Dornellas' literary work with the debates held by the International Studies Group "Oceanos, desplazamientos y resistencias en la Literatura Contemporánea". Understanding the author's motivations, processes and results through the novel **Por cima do mar** (2018) was necessary to position themes such as diaspora, migration and resignification about the sea within contemporary and Latin American literary approaches.

**Keywords:** Deborah Dornellas. Contemporary Literature. **Por cima do mar**.

*Recebido em: 01/05/22 – Aceito em: 03/10/22*